

Sonho desfeito após a conquista do diploma

SÃO PAULO – O ortopedista Paulo Seiji Tone, 34 anos, é filho de um dos mais conceituados cirurgiões dentistas de São Paulo, Paulo Tone. Em 42 anos de profissão dr. Paulo, como é conhecido, conquistou clientes entre a elite paulistana, é membro da Academia Americana de Odontologia Cosmética e tem uma renda que lhe permite manter um bom apartamento na praia e viajar uma vez por ano para o exterior. “Eu, como médico, jamais conseguirei atingir o patamar econômico e profissional do meu pai,” diz Paulo Seiji. “Hoje em dia, só dá para sobreviver com salário de médico,” acrescenta.

O ortopedista é mais um filho da classe média que vive o chamado “descenso social”, trilhando o caminho inverso daquele percorrido pelos pais. Formado em 1989,

Paulo Seiji trabalha como plantonista em um dos melhores hospitais da cidade e em uma conceituada clínica ortopédica. No hospital, onde tem contrato e remuneração fixada de acordo com o número de plantões, ganha entre R\$ 2,5 mil e R\$ 3,5 mil mensais. Na clínica, atua como autônomo, e tem uma remuneração variável que, nos melhores meses, lhe permite totalizar R\$ 5 mil mensais, somando-se o salário do hospital. “Estou no topo da remuneração da categoria. Não vou passar disso. Para quem estudou durante 10 anos entre graduação e residência médica é um pouco frustrante”, admite.

“Há escolas de medicina e de odontologia demais. Os jovens escolhem uma dessas profissões iludidos,” comenta Paulo Tone. A medicina e a odontologia vivem de fato situação

similar. Todos os anos formam-se 8 mil cirurgiões dentistas e 7,5 mil médicos no país, segundo as associações que representam o setor. Há 90 faculdades de odontologia e 80 de medicina. Sobram profissionais nos grandes centros enquanto nos grotões milhares de brasileiros não têm acesso à saúde. “É impossível desenvolver um bom trabalho fora de um centro como São Paulo. Não há equipamentos, equipes, materiais”, observa Paulo Seiji.

Desistências – Não por acaso, alguns profissionais desistem da profissão. “Na minha turma havia um excelente pediatra. Ele tentou durante dois anos exercer a medicina mas todas as portas foram se fechando. Enquanto isso, ele via seus irmãos, comerciantes, prosperarem”, conta Paulo Seiji. Há três anos este pediatra abandonou o

jaleco e passou a vender tênis. Com a ajuda da família montou uma loja e leva hoje uma vida confortável.

Rúbia Ferreira Souto, 30 anos, é outra bem-sucedida comerciante paulista que trocou o bisturi pela caixa registradora. Ela passou no vestibular de medicina na primeira tentativa e cursou quatro anos do curso ministrado pela Santa Casa de Misericórdia, uma das mais conceituadas de São Paulo. “A faculdade foi uma grande decepção. Não tinha a mínima infra-estrutura, a ponto de os alunos aquecerem tubos de ensaio em latas vazias de leite em pó”, lembra ela.

Desiludida, Rúbia, filha de comerciantes, começou a fazer contas. Concluiu que o investimento que teria de fazer na formação dificilmente seria reposto no exercício da pro-

fissão. “A faculdade em si não garante ascensão social a ninguém. O crescimento profissional depende muito dos relacionamentos que se tem na área. E eu não tinha nenhum”, diz. Assim, Rúbia decidiu abandonar o curso dois anos antes da formatura.

Ela diz que não tem do que se arrepender. Depois de trabalhar como supervisora de uma das lojas da família, abriu seu próprio negócio. Hoje possui quatro lojas de roupas femininas, duas no Centro da cidade e duas em shoppings. “Ganho quatro vezes mais do que qualquer ex-colega médico”, observa. No ano passado, segundo ela, cada loja lhe proporcionou uma renda líquida mensal de R\$ 5 mil mensais. “Sempre sonhei em ser médica mas estou feliz com meu trabalho”, garante.(S.B.)